CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

ISSN 2595-4377
https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
Porto Alegre | v. 36 |2023
https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

>> Temática Especial 3

A Educação Física como linguagem? Reflexões sobre corpo, trabalho e educação em tempos de privilégio da servidão

Denis Fernando Barcellos Angelo[1]
Tanise Baptista de Medeiros[2]

Resumo: Este ensaio busca trazer o debate acerca da Educação Física enquanto linguagem, questionando, a partir de pressupostos teórico-filosóficos, o que é a linguagem e qual o seu papel no desenvolvimento do ser social. Apresenta, a partir de intelectuais da área, a cultura corporal como objeto da Educação Física, o trabalho científico como elemento importante para constituição de uma formação que busque socializar no espaço escolar os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos, como pressupõe a Pedagogia Histórico-Crítica. Nesse sentido, o objetivo deste texto é apontar que as atuais propostas para a educação física estão em articulação com a atual fase do capitalismo contemporâneo, sendo a relação entre corpo, trabalho e educação expressão da ausência da categoria necessidade no interior da educação física, indo em direção às teses da intangibilidade do trabalho diante do avanço da tecnologia e do trabalho digital, contribuindo para o chamado *privilégio da servidão*, como afirma Ricardo Antunes (2018). Apontamos, portanto, que a cultura corporal é parte integrante do complexo do ser social, sendo seus nexos necessários de serem apreendidos e objetivados na escola, para contribuir com uma formação humana transformadora do atual estado de coisas.

Palavras-chave: Cultura Corporal. Linguagem. Pedagogia Histórico-Crítica. Privilégio da Servidão.

Physical Education as a language? Reflections on the body, work and education in times of privileged servedness

Abstract: This essay seeks to bring about the debate about Physical Education as a language, questioning, based on theoretical-philosophical assumptions, what language is and what is its role in the development of the social being. It presents, from intellectuals in the area, body culture as an object of Physical Education, scientific work as an important element for the formation of a training that seeks to socialize scientific, artistic and philosophical knowledge in the school space, as presupposed by Historical-Critical Pedagogy. In this sense, it points out that the current proposals for physical education are in conjunction with the current phase of contemporary capitalism, with the relationship between body, work and education being an expression of the absence of the category

[1] Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: denisbarcellosangelo@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3758-2118
[2] Doutoranda em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: tanise.medeiros@gmail.com ORCID: http://orcid.org/0000-0002-0857-467X

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

need within physical education, moving towards the theses of intangibility of work in the face of the advancement of technology and digital work, contributing to the so-called privilege of servitude, as stated by Ricardo Antunes. We point out, therefore, that body culture is an integral part of the complex of the social being, and its nexuses must be apprehended and objectified at school, in order to contribute to a human formation that transforms the current state of affairs.

Keywords: Body Culture. Language. History-Critical Pedagogy. Privilege of Servitude.

¿Educación Física como lenguaje? Reflexiones sobre el cuerpo, el trabajo y la educación en tiempos de privilegio de la servidumbre.

Resumen: Este ensayo busca suscitar el debate sobre la Educación Física como lenguaje, cuestionando, a partir de presupuestos teórico-filosóficos, qué es el lenguaje y cuál es su papel en el desarrollo del ser social. Presenta, desde los intelectuales del área, la cultura del cuerpo como objeto de la Educación Física, el trabajo científico como elemento importante para la constitución de una formación que busca socializar los saberes científicos, artísticos y filosóficos en el espacio escolar, como lo presupone la Pedagogía Histórico-Crítica. En este sentido, señala que las propuestas actuales para la educación física están en conjunción con la fase actual del capitalismo contemporáneo, siendo la relación entre cuerpo, trabajo y educación expresión de la ausencia de la categoría necesidad dentro de la educación física, transitando hacia las tesis de la intangibilidad del trabajo frente al avance de la tecnología y el trabajo digital, contribuyendo al llamado privilegio de la servidumbre, como afirma Ricardo Antunes. Señalamos, por tanto, que la cultura del cuerpo es parte integral del complejo del ser social, y sus nexos deben ser aprehendidos y objetivados en la escuela, para contribuir a una formación humana que transforme el estado de cosas actual.

Palabras clave: Cultura Corporal. Linguage. Pedagogía Histórico-Crítica. Privilegio de la Servidumbre.

1 Introdução

Viemos nos detendo em nossas pesquisas nas relações que se estabelecem entre trabalho, educação, educação física e corpo, tanto no interior da própria área da Educação Física[3] como nas relações econômicas e socioculturais mais gerais na sociedade capitalista em sua fase atual. Tais pesquisas buscam contribuir para a compreensão das finalidades postas para a Educação Física no interior da escola, objetivo esse bastante complexo em se tratando desta área de conhecimento.

Compreendendo o papel da linguagem no desenvolvimento do ser social, buscaremos explicitar porque nos distanciamos da perspectiva da educação física enquanto estritamente colocada na esfera da linguagem corporal, da comunicação, da interação e da intersubjetividade, com base em estudos de Peixoto (2021), Taffarel, Peixoto e Morschbacher (2015) e Escobar (2012), para tomar a Educação Física em seu papel de transmissão do conhecimento historicamente acumulado, de apropriação e objetivação da atividade humana como construção da individualidade para si, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. E, ainda, buscaremos situar que as atuais configurações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e da Reforma do Ensino Médio, inserem-se na lógica da Pedagogia das

[3] Utilizamos aqui o termo educação física, em minúsculo, quando tratamos da educação corporal em todas as esferas da vida e, Educação Física em maiúsculo, quando estamos tratando do componente curricular.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

Competências, ao colocar como finalidade do processo de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades e competências, em detrimento da socialização dos conhecimentos científicos, artísticos, filosóficos, desenvolvidos pelo ser humano ao longo da história.

A pandemia da COVID-19[4] fez acirrar, ainda, uma das contradições que consideramos elementares para as noções que aqui assumimos de educação física: quais são os corpos que podem movimentar-se para relaxar, cultivar o ócio, o tempo livre, as atividades de lazer, esporte e todo arcabouço de atividade física e quais são os corpos que precisam garantir a produção das necessidades elementares de toda uma sociedade? Quais são os corpos que puderam ser preservados na esfera doméstica, realizar o trabalho por meio da tecnologia e do trabalho digital e preservar suas vidas? É certo que o advento das tecnologias contemporâneas vem tendo grande impacto no aumento do trabalho digital e, de forma geral, nas novas formas que o trabalho vem assumindo e, a pandemia da COVID-19, parece ter consolidado as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), influenciando diversos campos como educação, saúde, lazer e consumo, e ainda aumentando a crença na chamada "sociedade da informação" (CASTELLS, 2000).

Diante desse cenário, o corpo e o trabalho material parecem ter dado lugar ao corpo em seu tempo livre e desregrado, e ao trabalho intelectual e digital. Na contramão disso, enfatizamos o papel do corpo enquanto força de trabalho, enquanto um "complexo das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo" (MARX, 2017a, p. 242). A produção, portanto, materializa-se no próprio corpo e na estrutura psíquica dos sujeitos e, a produção capitalista, torna ainda o sujeito em objeto, em coisa a ser cambiável, transformando a atividade humana, o trabalho que é vivo, em trabalho morto na lógica do capital, em mercadoria.

Assim, a tecnologia, o trabalho digital, o *home office* e o *home work*, a operação por algoritmos, que se tornaram ainda mais presentes durante a pandemia da COVID-19, tem nos apresentado um mundo cheio de novas possibilidades, criando um ciberespaço onde os corpos não habitam. Porém, como afirmam Graham e Anwar (2020, p. 56), nunca conseguimos transcender o mundo material, pois: "O trabalho digital acontece não em algum espaço abstrato, mas em uma grande diversidade de casas, escritórios e espaços públicos e privados, nos quais o trabalho é realizado". E, ainda, como afirma Antunes (2018, p. 50-51),

> [...] sem a produção de energia, de cabos, de computadores, de celulares e de uma infinidade de produtos materiais, sem o fornecimento de matérias-primas para a produção de mercadorias, sem o lançamento de satélites ao espaço para carregar seus sinais, sem a construção de edifícios onde tudo isso é produzido e vendido, sem a produção e a condução de veículos que viabilizem sua distribuição, sem toda essa infraestrutura material, a internet não poderia ser sequer conectada. Por conta desse elemento vital, são ainda poucos os trabalhos que não demandam alguma forma de atividade física, mesmo que seja apenas a de utilizar um teclado.

De imediato já apontamos aqui que, por mais que tenhamos atingido os mais altos níveis de desenvolvimento na esfera produtiva, ainda há corpo material extraindo matéria prima e nas condições de trabalho as mais precárias, vide os altos índices de trabalho análogo à escravidão encontrados na atualidade. Ou seja, o capital não quer se desonerar da extração da matéria

[4] Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, caracterizada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde como pandemia.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

prima às custas da mão de obra negra, feminina, precária, na periferia do sistema capitalista. Enquanto a tecnologia, a robótica, a inteligência artificial gerou um avanço nas mediações produtivas, tais elementos ainda são articulados para uma restrita parcela da população, para uma restrita esfera produtiva, geralmente para o trabalho intelectual ou morto, favorecendo assim o capital e não o trabalho e os trabalhadores. Trata-se, como afirma Antunes (2018), do privilégio da servidão, marcada cada vez mais por uma precarização estrutural do trabalho, pela expansão do setor de serviços, pela geração de mais-valor em todos os espaços possíveis, assumindo o trabalho uma aparência de flexibilidade, mas uma essência de escravidão digital, em que os trabalhadores têm seus corpos cada vez mais destruídos.

Portanto, questionamos: a Educação Física vem considerando as atividades humanas em seu "reino das necessidades[5]", ou seja, vem considerando as atuais formas de trabalho no capitalismo contemporâneo e como os corpos têm garantido as suas necessidades elementares ou apenas considerando as atividades livres e criativas do ser humano no "reino das liberdades"? Como este debate, portanto, atravessa a área da Educação Física e as atuais diretrizes para a educação? A linguagem corporal tomada enquanto objeto da Educação Física a partir da BNCC contribui para a compreensão deste cenário? O corpo trata-se apenas de linguagem e comunicação? Problemáticas que levantamos aqui, embora sem a intenção de esgotá-las.

2 A Educação Física como linguagem?

Primeiramente questionamos: o que significa e quais os objetivos de inserir a Educação Física na área das linguagens? Vejamos na perspectiva teórica que aqui assumimos, o materialismo histórico dialético, o que é linguagem e qual o papel que ela desempenha no interior do desenvolvimento do ser social, adentrando, ainda que brevemente, no debate filosófico acerca da linguagem, compreendendo que tais perspectivas apresentadas como verdade não estão fora da dinâmica política, econômica e ideológica, não estão ancoradas fora do mundo, mas apresentam perspectivas e concepções de sociedade, de mundo e de ser humano e ainda estão profundamente imbricadas com as formas atuais de trabalho na sociedade contemporânea.

Para Lukács (2013), a linguagem surge da necessidade que o homem tinha de dizer algo um ao outro, surge de determinado contexto e serve para tornar possível a compreensão de um determinado objeto, visto que o ser humano sempre fala sobre algo determinado a alguém. Tais objetos são produto e processo da ação humana, que do ser humano se separam, adquirem certa autonomia, se exteriorizam, mas não rompem seus liames com a atividade humana. Nisso, "só o distanciamento intelectual dos objetos por meio da linguagem é capaz de fazer com que o distanciamento real que surgiu no trabalho seja comunicável e fixado como patrimônio comum da sociedade" (LUKÁCS, 2013, p. 128). O papel da linguagem é, portanto, a fixação daquilo que já se conhece.

Coutinho (2017) afirma que para o estruturalismo, a ciência linguística fornece o modelo supremo de inteligibilidade dos fatos sociais. Porém, para o autor, a linguística não se limita

[5] "Reino das necessidades" e "reino das liberdades" são expressões cunhadas por Marx (2017b). O primeiro, refere-se às mediações que o ser humano realiza com a natureza para a produção de suas necessidades primárias (comer, beber, vestir, morar), ou seja, o trabalho, considerado protoforma humana. O segundo, refere-se ao desenvolvimento das forças humanas que tem um fim em si mesmo. Esse, porém, só pode florescer sob as bases daquele.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

apenas ao plano epistemológico, pois se refere à própria natureza ontológica da vida social. Ele afirma que:

> [...] enquanto para Marx e os marxistas a economia aparece como a ciência fundamental, aquela na qual se esclarecem os fundamentos últimos da objetividade social, para o estruturalismo essa ciência básica é a linguagem: o modo de ser da realidade social seria semelhante ao da língua (COUTINHO, 2017, p. 81).

Para a corrente filosófica do estruturalismo, o que ocorre é justamente uma abstração da linguagem do complexo que a produziu, elevando-a a um altar de produção do real. Nessa perspectiva, o real não pode ser apreendido, pois é heterogêneo, e o ser humano só pode apreender aquilo que homogeiniza, manipula. A significação das palavras, portanto, nada tem a ver com as coisas, linguagem e pensamento não são um reflexo da realidade objetiva. Há, assim, uma redução do sentido à significação, e um empobrecimento do objeto, visto que, como afirma Saussure, a língua é uma forma e não uma substância (COUTINHO, 2017).
Por outro lado, Coutinho (2017, p. 87) afirma que "a linguagem é um instrumento criado pelos homens com a finalidade de garantir e aprofundar o reflexo do real pelo pensamento e, ao mesmo tempo, a comunicação inter-humana. [...] A linguagem é uma práxis condensada", ou seja, uma objetivação humana – uma "substância" – que capta, fixa e expressa a práxis global dos homens. É necessário, portanto, recolocar a língua e a linguagem na totalidade concreta da objetividade social, reintegrá-la no amplo quadro histórico onde tem sua gênese e significação.
Para Pinto (2020, p. 87)

> [...] a linguagem não representa um ingrediente fundamental para a constituição da ciência, como querem as escolas analíticas e semânticas, que confundem a transmissão do saber científico com a formulação dele na relação existencial entre o homem e a realidade.

Para o autor, a linguagem é uma maneira peculiar de expressão do ser. A linguagem sempre existiu e significa "a manifestação entre a matéria viva e o meio exterior" (PINTO, 2020, p. 88). O papel da linguagem, na ciência, é transmitir para outro indivíduo o que o criador do conhecimento, o cientista, elaborou ou descobriu. Não se dissocia as manifestações culturais, os produtos da ação humana, do processo mesmo de produção da humanização, "a linguagem é correlata do processo de hominização e acompanha em seus múltiplos aspectos a formação histórica e social do homem" (PINTO, 2020, p. 91).
Konder (2020) nos alerta para a presença do ideológico na própria estruturação da linguagem em seu sistema de funcionamento. Antunes (2002), ao analisar a obra de Habermas e sua ação comunicativa, que aponta que o que é capaz de nos fazer compreender a realidade é a intersubjetividade, transferindo para esta esfera o papel da transformação social, afirma que tal perspectiva coloca no anonimato as estruturas de classe, fazendo desaparecer a possibilidade da consciência de classe, visto que tal subjetividade, "encontra seu solo ontológico fundante na esfera do trabalho" (ANTUNES, 2002, p. 156). E ainda:

> [...] embora a esfera da linguagem ou da comunicação seja um elemento constitutivo central do ser social, em sua gênese e em seu salto ontológico em relação às formas anteriores, não posso concordar com Habermas, quando ele confere à esfera intercomunicacional o papel de

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

elemento fundante e estruturante do processo de sociabilização do homem (ANTUNES, 2002, p. 156).

Portanto, como afirma Konder (2020) "a linguagem é um pré-requisito para que uma comunidade tome consciência de sua identidade e é um pré-requisito para que cada indivíduo tome consciência de si, de sua personalidade" (KONDER, 2020, p. 170). No que pese isso, "ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos; é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. Uma revelação – sempre surpreendente – de como somos e como podemos nos tornar" (KONDER, 2020, p. 172). O autor segue:

> [...] no entanto, não podemos ignorar o fato de que a linguagem, embora seja uma esfera absolutamente essencial do modo de existir característico do ser humano, aponta, inevitavelmente, para uma realidade que a abrange, que a envolve, que a inclui, que é maior do que ela. A fala pressupõe os seres falantes, o discurso pressupõe criaturas que discorrem sobre algo, e a realidade dos seres materiais existentes, vivos, contraditórios, precede a possibilidade da linguagem (KONDER, 2020, p. 172).

Tal debate, do papel da linguagem na constituição do ser, é fundamental e perpassa por concepções de mundo, de realidade e de ser. O chamado giro linguístico, filosoficamente desloca o ponto de partida das coisas e das representações para as palavras, a linguagem ou o discurso. O trabalho desenvolvido por Peixoto (2021), a partir do pensamento do filósofo português Barata-Moura, aponta que o giro linguístico é um paradigma incontornável que na atualidade circunscreve as fronteiras do que é legítimo desenvolver em termos de filosofia. Reside, ainda, nessa perspectiva uma dissolução do ser na linguagem, o que se traduz em mais uma matriz do idealismo contemporâneo que reduz a materialidade do ser a efeito de posição na representação: "a linguagem que tudo cobre, que tudo trans-substância e em que tudo finalmente se resolve" (PEIXOTO, 2021, p. 15).
Tudo isso, não estamos tratando de dizer que a linguagem não tenha um papel importante no desenvolvimento do ser social, mas que sim, não podemos renunciar à sua própria finalidade e das distinções que se estabelecem entre linguagem e realidade material, exterior ao ser, independente da consciência, o que explica Eagleton (1998):

> [...] a linguagem, naturalmente, é tão real quanto tudo mais, como o sabem por experiência própria os que são alvo de calúnias raciais ou sexistas, e o discurso civilizado ou amigável é uma parte necessária da vida social. Mas a linguagem, como todo o resto, também pode vir a figurar como um fetiche – tanto no sentido marxista de ser reificada, investida de um poder excessivamente numinoso, como no sentido freudiano de substituir algo no momento indefinivelmente ausente. Negar que há uma distinção significativa entre o discurso e a realidade, entre praticar o genocídio e falar dele, significa, entre outras coisas, uma racionalização dessa condição. Tanto faz que projetemos a linguagem na realidade material ou a realidade material na linguagem, o resultado vem a confirmar que não há nada tão importante como falar (EAGLETON, 1998, p. 26).

Onde se insere, portanto, o debate da Educação Física na esfera da linguagem? Primeiro vejamos o que nos diz a própria Base Nacional Comum Curricular sobre a Educação Física. Segundo este documento, o objetivo da educação física: é "[...] explorar o movimento e a gestualidade em *práticas corporais* de diferentes grupos culturais e analisar os *discursos* e os *valores* associados a elas, bem como os processos de *negociação de sentidos* que estão em jogo na sua apreciação e produção" (BRASIL, 2018, p. 483, grifo nosso). Trata-se, pois, de considerar como objeto de conhecimento da Educação Física as práticas corporais, elencadas

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

na BNCC do Ensino Médio como jogos, brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, que devem ser experienciadas pelos jovens.

Nesse sentido, autores da área da Educação Física vêm se detendo a analisar seu desenvolvimento a partir deste objetivo colocado. Betti (2021), sustenta a Educação Física como linguagem e comunicação, como uma série de signos, afirmando a "potencialidade que os diversos sistemas de signos, uma vez organizados dispõem para produzir informações [...] não é um produto acabado, mas um permanente processo de produções sígnicas" (BETTI, 2021, p. 12). E, ainda:

> [...] em um jogo coletivo com bola, faço um passe para um companheiro que o coloca em posição livre de marcação para alcançar o alvo, fazer o gol, ou a cesta... O passe é signo, é comunicação. [...] passes, ataques, defesas, dribles, inserem-se num sistema de signos mais ou menos codificados que delimitam os gestos possíveis dos quais se podem extrair lógicas generalizações que são testados na experiência (BETTI, 2021, p. 16).

Assim, o ponto de partida para esta compreensão da Educação Física é a experiência de tais práticas corporais, as experiências vividas no aqui e agora das aulas de Educação Física. Portanto, para Betti (2021), para legitimar a Educação Física na área das linguagens, é necessário fazer-se uso da semiótica, enquanto ciência da linguagem. Outros autores (BIELAVSKI *et al.*, 2021) também apontam que a Educação Física é marcada por um saber-fazer, por experiências e vivências corporais, tendo como finalidade o movimento corporal enquanto textos culturais passíveis de leitura e produção. Nesse sentido, corpo e movimento são meios de comunicação.

Tais perspectivas, cada vez mais recorrentes no interior da Educação Física, ao legitimarem a inserção da área no campo das linguagens, em nosso ver, elidem o próprio corpo, enquanto matéria viva e atendendo a finalidades postas no desenvolvimento social, e elidem ainda o conhecimento científico, enquanto conhecimentos historicamente produzidos, sistematizados e socializados pelo gênero humano, visto que a finalidade é vivenciar, experimentar os diferentes sentidos do movimento humano, mas distanciando-se do complexo do ser social. O debate, portanto, acerca da inserção da Educação Física na área das linguagens, necessita da compreensão do próprio objeto de conhecimento da Educação Física, reflexão que buscamos fazer a partir de outros intelectuais de nossa área.

Para Beltrão, Taffarel e Teixeira (2020), o objeto de ensino apontado pela BNCC não favorece o trato pedagógico do problema central desse campo de conhecimento, qual seja, a cultura corporal. Os autores afirmam que a linguagem, como categorial central da Educação Física, pretere o desenvolvimento concreto e histórico do objeto desse componente curricular e ainda, a linguagem, assim como na perspectiva do giro linguístico apontado acima, assume a centralidade de reprodução do ser. Na ideia veiculada pela BNCC, de cultura corporal como expressão corporal ou linguagem:

> [...] o sujeito é condição de possibilidade para a produção e reprodução da cultura corporal, mas um sujeito abstrato, porque abstraído das condições materiais de existência. As determinações do processo de produção e de reprodução da cultura corporal situam-se exclusivamente em um quadro subjetivo/intersubjetivo de experiências e comunicação (BRASIL, 2018, p. 667).

Portanto, em tal perspectiva, a base da Educação Física é a experiência vivenciada através dos movimentos, não havendo um objeto em si mesmo, sua existência se dá no plano da

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

linguagem, do movimentar-se, da comunicação e da intersubjetividade. Portanto, os motivos e finalidades da atividade humana, acabam sendo movimentar-se e comunicar-se, prescindindo da apropriação do já produzido pela humanidade. Assim, sem objetivo e finalidade, aquilo que é secundário pode ocupar o lugar de principal no ato educativo: a apropriação do conhecimento científico, elaborado, sistematizado enquanto cultura corporal ao longo do processo histórico, dá lugar ao desenvolvimento de habilidades e competências para a formação de um trabalhador de novo tipo, com aptidão para múltiplas tarefas e para o cuidado de si mesmo. Motivo esse, não apenas colocado para a área da Educação Física, mas sim para as políticas educacionais de maneira geral que se alinham, desde a década de 1990, ao processo de acumulação flexível através de uma pedagogia das competências. Segundo Kuenzer (2002) o conceito de competências, embora não seja novo, é eixo central das políticas educacionais formuladas desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, sendo fortemente presente nas diretrizes curriculares para o Ensino Médio, para a formação profissional e para a formação de professores.

Escobar (2012), antes mesmo da discussão da BNCC, afirmava que considerar a Educação Física como linguagem é um erro, impregnado de uma visão do idealismo de Kant e do pensamento alemão sobre as atividades corporais, além de um incentivo desde a década de 1990 para que os intelectuais se ligassem à ótica fenomenológica nos processos pedagógicos. O idealismo de base kantiana, em síntese, opera com o entendimento de que os objetos/fenômenos da realidade são incapazes de se mostrarem aos homens tais como são. Não aparecem como coisa-em-si, mas como representações subjetivas construídas pelas faculdades humanas da cognição. Beltrão, Taffarel e Teixeira (2020), trazem sobre isso que em Kant, o objeto é submetido ao sujeito, pois o fenômeno é aquilo que não pode encontrar-se no objeto em si mesmo, mas sempre na sua relação inseparável da representação que o sujeito faz. Eis, portanto, que o problema da Educação Física enquanto linguagem é um problema filosófico, mas também ideológico e político, pois a serviço das finalidades colocadas em determinada etapa de desenvolvimento do capitalismo. Explicitamos no próximo item, por outro lado, o que intelectuais da Educação Física vem explicitando e defendendo em detrimento a essa perspectiva.

3 Cultura Corporal e o trabalho científico na Educação Física

Peixoto (2021), na análise da obra Metodologia do ensino, reafirma a necessidade de reconhecer que “os conteúdos da cultura corporal decorrem da relação (pelo trabalho como atividade vital) dos homens com a natureza” (32) e assim também, a necessidade de “estudos acerca dos nexos históricos do correr, lançar, saltar, nadar, remar com as necessidades da produção da vida e os processos históricos que geraram as transformações nestas atividades até assumirem a forma de espetáculo olímpico” (PEIXOTO, 2021, p. 32). Tais transformações, resultante de saltos ontológicos no desenvolvimento do ser social, não anulam a categoria necessidade, ou seja, a atividade humana de relação com a natureza para a satisfação das suas necessidades elementares (o trabalho) não cessa, apenas tais atividades distanciam-se das barreiras biológicas e vão impondo novas mediações.

É nesse sentido que a autora vem apontando acerca de uma formação em nossa área da Educação Física que possibilite uma consciência que reflita tais manifestações da cultura corporal no interior do complexo de desenvolvimento do ser social, ou seja, o:

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

> [...] reconhecimento de uma ontologia materialista dialética da educação física como território (área) com um conhecimento próprio que se desenvolve historicamente como necessidade subjetiva e objetiva decorrente dos processos históricos de desenvolvimento das condições para a produção da existência humana, apanhada na síntese 'relação do homem com a natureza e com os outros homens', em que a 'cultura corporal' aparece decorrente do enfrentamento dos 'desafios da natureza' em que 'ficar de pé' pode ter resultado de 'retirar os frutos da árvore para se alimentar' (PEIXOTO, 2021, p. 202).

Tal conhecimento próprio, como afirma Peixoto (2021), portanto, demanda abstrações "que proporciona formas de precisão e de unificação que permitem introduzir e apurar o próprio processo real objetivo" (PEIXOTO, 2021, p. 113). Consideramos, nessa perspectiva, que a Educação Física considerada como linguagem, não cumpre seu papel de transmissão, em sua forma abstrativa, do conhecimento científico, entendido tal conhecimento enquanto resposta à necessidade primária da práxis, da atividade humana.

Para Martins (2013) a palavra, ou seja, a linguagem, ao generalizar as percepções, fez com que o homem desse um passo decisivo em direção à libertação de seu campo sensorial mais imediato. "A reação vocal é sempre parte orgânica de toda uma série de reações, de tal forma que a sua expressão se insere sempre em um conjunto mais amplo de respostas, sobretudo, de maneira conexa com os movimentos corporais" (MARTINS, 2013, p. 2011). Isso significa que a inteligência prática dos animais superiores se configura através de resposta visual simples e imediata do contexto, tendo uma consequente impossibilidade para a representação abstrata, configurando-se, assim, uma resposta sensorial ao ambiente, ao qual o ser humano, no seu desenvolvimento ontogenético já superou, visto que possui a capacidade de realizar abstrações.

Manter a Educação Física nos limites dos objetivos de movimentar-se, da socio-interação e da comunicação, trata-se, justamente, de manter-se no nível sensorial de conhecimento. O corpo, enquanto ente substancial ineliminável e não redutível a subjetividade, linguagem, comunicação, interatividade, já alcançou níveis mais elevados de desenvolvimento que o possibilitam realizar abstrações complexas e conhecer a realidade a partir delas, num processo de apropriação, trazendo à vida a atividade humana acumulada na cultura, como afirma Duarte (2016). Isso implica na passagem de um saber espontâneo, imediato, da experiência, para um saber sistematizado, elaborado historicamente, científico.

Na Educação Física, portanto, trata-se não apenas do jogar futebol, mas de aprender sobre tática, estratégia, objetivos, técnicas, sobre a origem, história e desenvolvimento de tal esporte, sobre conhecimentos físicos, químicos, biológicos envolvidos, ou seja, seus significados no interior das diferentes sociedades e ao longo do desenvolvimento humano, o que pode ser realizado de diferentes formas, dentre elas jogando futebol, sendo propícia, ainda, uma interação maior entre teoria e prática.

Para Duarte (2016) o papel da escola é o de justamente fazer com que todos os indivíduos se apropriem dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos, como parte do processo de formação da individualidade para si. Conteúdos aqui, considerados como atividade humana historicamente produzida e condensada na forma de conhecimentos que vão ser transmitidos ao longo do desenvolvimento humano.

> O ensino dos conteúdos escolares em nada se assemelha, portanto, a um deslocamento mecânico de conhecimento dos livros ou da mente do professor para a mente do aluno, como se esta fosse um recipiente com espaços vazios a serem preenchidos por conteúdos inertes. O ensino é transmissão de conhecimento, mas tal transmissão está longe de ser uma transferência mecânica, um mero deslocamento de uma posição (o livro, a mente do professor) para outra (a mente do aluno). O ensino é encontro de várias formas de atividade humana: a atividade de conhecimento do mundo sintetizada nos

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

conteúdos escolares, a atividade de organização das condições necessárias ao trabalho educativo, a atividade de ensino pelo professor e a atividade de estudo pelos alunos (DUARTE, 2016, p. 59).

Por que, portanto, a Educação Física é uma das poucas disciplinas no interior da escola que não tem a finalidade de apropriação dos conhecimentos em sua forma teórica? Nozaki (2004), ao tratar dessa questão, também entende que a educação física não tem o mesmo status no projeto pedagógico hegemônico e isso se explica porque, após a reestruturação produtiva, os principais atributos esperados do trabalhador de novo tipo já não são a força física e a disciplina (qualidades até então valorizadas nessa área pelo modelo produtivo anterior), mas a capacidade de abstração, o raciocínio lógico, a crítica, a interatividade, o trabalho em equipe, a tomada de decisão, a comunicabilidade, a criatividade, ou seja, capacidades relacionadas aos conteúdos dos campos cognitivo e interacional. Isso não quer dizer que essa disciplina não seja capaz de atuar na formação dessas competências, mas que ela pode e tende a ser descartada, como observamos na atual Reforma do Ensino Médio, e ainda, nessa perspectiva, que o papel da escola não pode limitar-se ao desenvolvimento de tais competências e habilidades, visto que tal desenvolvimento pode ser alcançado em outras esferas de socialização, como a rua, o bairro, a família, a comunidade, etc.

É nesse sentido que autores da área também vem apontando acerca do trabalho científico da Educação Física, tanto no interior da escola como na formação de professores em nível superior, sendo necessária uma formação, tanto na educação básica quanto no ensino superior, que possibilite uma consciência que reflita adequadamente o que é a realidade, e apreenda o seu movimento contraditório, como forma de aprimorar a práxis humana.

[...] o ensino se configura como um espaço propício para que os sujeitos se apropriem de forma organizada, de conhecimentos que ainda não dominam. As atividades de ensino, intersubjetivas, podem suscitar a elaboração mais abstrata e generalizante dos conhecimentos cotidianos e contribuir para a consolidação e autonomização dos conhecimentos sistematizados, criando zonas de desenvolvimento proximal que propiciam o desenvolvimento dos sujeitos e da sua consciência, termo que na acepção de Vygotsky (2008) designa a percepção da atividade mental, ou seja, a consciência de estar consciente (SCARAZZATTO; FONTANA, 2013, p. 2).

E ainda, diante das atuais reformas educacionais:

[...] é preciso ter claro que o processo educativo transcende ao mero domínio de competências técnicas para solucionar problemas vinculados à educação de resultados, pois se trata de um fenômeno intencional de extrema complexidade, revelando ser, acima de tudo, um ato político dedicado à formação humana (ORTIGARA; CORAL, 2013, p. 6).

Assim, os autores afirmam que devemos estar atentos a certas propostas espontaneístas, baseadas na competência prática ou mesmo num tipo de ativismo utilitarista, pois tais proposições tendem a desfigurar um currículo que esteja voltado intencionalmente para uma formação comprometida com a práxis transformadora humana. Busca-se, assim, contribuir para suprir as deficiências da Educação Básica na transição dos conhecimentos dos estudantes de um conhecimento cotidiano, mais imediato, para uma consciência filosófica e um conhecimento científico, mais mediado, o que demanda, certamente, uma formação docente que considere:

[...] o trato com o conhecimento clássico acerca das teorias que vêm sendo desenvolvidas pela humanidade sobre a possibilidade do conhecimento e o critério de verdade, acompanhando este movimento no processo histórico de desenvolvimento do conjunto de teorias do conhecimento que configuram o positivismo, a fenomenologia e o marxismo e seus correspondentes métodos e técnicas

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

de pesquisa, dando atenção especial à expressão destas teorias do conhecimento na Educação Física" (TAFFAREL; PEIXOTO; MORSCHBACHER, 2015, p. 1)

E, ainda, uma formação para o trabalho científico em Educação Física deve contemplar

a) o que é o conhecimento; b) qual é o processo histórico que permite a sua produção; c) qual o conhecimento mais avançado para a explicação do que somos e como chegamos até onde chegamos; d) o patrimônio acumulado pela humanidade sobre a cultura corporal; e) do processo histórico que possibilitou a produção deste conhecimento; f) do modo mais adequado como este conhecimento deve ser tratado nos diversos campos de trabalho. (TAFFAREL; PEIXOTO; MORSCHBACHER, 2015, p. 5).

Trata-se, portanto, de uma postura filosófica diante do mundo, de um modo de conhecer a realidade, e da compreensão mesma da existência ou não do real, o que encontra-se limitada pela atual configuração das relações produtivas, baseadas em uma desqualificação cada vez maior dos trabalhadores, com o menor gasto e esforço possível para sua formação e com uma finalidade voltada para a aplicabilidade e utilidade dos conhecimentos voltados para o fim de conferir valor ao capital, e a Educação Física não está isenta disso.

4 Considerações finais

O que buscamos aqui apontar é que a compreensão da Educação Física enquanto linguagem assume uma postura epistemológica do mundo que elide o corpo como matéria, como ser ontológico, e elidindo também a categoria necessidade e a relação entre ser humano e natureza, ou seja, o trabalho, tão ao gosto das chamadas teses do "adeus ao trabalho" e do atual mundo digital e globalizado. Quais as consequências disso, portanto, para a formação da classe trabalhadora na escola?

A Educação Física, enquanto área essencial para a formação humana, precisa garantir aos sujeitos a apropriação e o aprofundamento sobre a totalidade do trabalho, sobre os complexos de desenvolvimento do ser social, sobre as relações que vão se estabelecendo ao longo da história com o mundo humano e natural, aquém do trabalho capitalista e para além dele, possibilitando uma apreensão das contradições da realidade e sua superação. A experiência, o vivido na esfera do mundo sensível, enquanto ação humana condensada na atividade cotidiana, não é prescindível, mas é preciso um aprofundamento maior da realidade no intuito de evidenciar e desmistificar a trama social, para que assim possamos colocar um outro horizonte, para além dos limites impostos pelo capital.

E ainda, levar em conta a cultura corporal como parte desse complexo social, é, ainda, considerar que os corpos para viverem as suas múltiplas potencialidades, atividades criativas e seu tempo livre, precisam, de forma irrevogável, garantir as suas necessidades mais elementares, realizando assim, atividades as mais diversas do corpo na atividade de trabalho. Tais atividades que o corpo realiza no mundo do trabalho, também são irrevogáveis, mesmo com o desenvolvimento da mais complexa tecnologia nas esferas do trabalho digital, o corpo está ali, seja na extração da matéria prima para a construção dos cabos, seja sentado em frente a um computador programando os sistemas mais complexos. O privilégio da servidão trata-se, portanto, *do privilégio da servidão* dos corpos vivos, concretos, materiais e dinâmicos. O intuito aqui é, portanto, não interditar o debate, mas suscitar novas reflexões acerca da finalidade da Educação Física na escola e no desenvolvimento do ser social, sendo esta área do conhecimento múltipla e variada.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BELTRÃO, José Arlen; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; TEIXEIRA, David Romão. A Educação Física no novo Ensino Médio: implicações e tendências promovidas pela Reforma e pela BNCC. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, BA, v. 16, n. 43, p. 656-680, 2020. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7024/5247 Acesso em: 02 jul. 2023.

BETTI, Mauro. As três semióticas e a educação física como linguagem. **Conexões**, Campinas, SP, v. 19, n. 00, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8661420 Acesso em: 02 jul. 2023.

BIELAVSKI, Jeniffer da Silva; et al. A educação física na área das linguagens e as relações com a BNCC em tempos de distanciamento social. **Conexões**, Campinas, SP, v. 19, n. 00, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8664954. Acesso em: 02 jul. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, MEC: 2018.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. *In*: A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**: contribuições à teoria histórico-crítica do currículo. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. *In*: Coletivo de Autores (Org.). **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

GRAHAM, Mark; ANWAR, Mohammad Amir. Trabalho Digital. *In*: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0.** São Paulo: Boitempo, 2020.

KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

KUENZER, Acácia Zeneida. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. **Boletim Técnico do SENAI**, v. 28, n. 2, mai./ago 2002. Disponível em: https://bts.senac.br/bts/article/view/539 Acesso em: 24 mar. 2020.

LUKÁCS, Gÿorgy. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 2.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017b.

NOZAKI, Hajime Takeuchi. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho**: Mediações da regulamentação da profissão. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

ORTIGARA, Vidalcir; CORAL, Maurício Abel. Influências neoliberais e proposta superadora: a formação de professores em debate. *In*: XVIII CONBRACE, 18, 2013, Brasília. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Brasília: CBCE, 2013, p. 1-14. Disponível em: http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5288/2805 Acesso em: 25 fev. 2023.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. **Para a crítica dos fundamentos da formação de professores no Brasil:** o problema da prática. Goiânia: Edições Gárgula, Editora Kelps, 2021.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

SCARAZZATTO, Juliana; FONTANA, Roseli Aparecida Cação. Educação Física e cultura corporal: sentidos em circulação e elaboração nas aulas de prática de ensino. *In*: XVIII CONBRACE, 18, 2013, Brasília. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Brasília: CBCE, 2013, p. 1-16. Disponível em: http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/4866/2809 Acesso em: 25 fev. 2023.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça; MORSCHBACHER, Márcia. A formação para o trabalho científico na formação de professores de Educação Física. *In*: XIX CONBRACE, 19, 2015, Vitória. **Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Brasília: CBCE, 2015, p. 1-16. Disponível em: http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/6882/3543 Acesso em: 25 fev. 2023.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.133990

Contribuições da autoria

Autor 1: Elaboração da problemática de pesquisa em questão, revisão bibliográfica, desenho metodológico e escrita do ensaio.
Autor 2: Elaboração da revisão bibliográfica, escrita, revisão e formatação do ensaio.

Data de submissão: 16/07/2023
Data de aceite: 20/08/2023